GOVERNO
A terra continua a criar postos de trabalho
PÁG. 2

CORREIO da manhã
www.cmjornal.pt

FINANCIAMENTO
Banca garante apoio a todos os bons projetos
PÁG. 4

6,1% do PIB é o que vale a agricultura portuguesa, incluindo a agroflorestal e a agroindústria. Secretário de Estado da Alimentação assegura que um quinto do que exportamos vem da terra

CONFERÊNCIA CM

Agricultura VALE DEZ MIL MILHÕES POR ANO

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO Nº 12 552 DO CORREIO DA MANHÃ E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

PUB

PRÉMIO AGRICULTURA 2013
2ª EDIÇÃO

ENTREVISTA

“Um quinto do que exportamos vem da terra”

Nuno Vieira e Brito, secretário de Estado da Alimentação, diz que as exportações, no agroindustrial, cresceram seis por cento no ano passado e assegura que vão continuar a crescer

● SECUNDINO CUNHA

Correio da Manhã – Qual é, nesta altura, a maior aposta da agricultura portuguesa?

Nuno Vieira e Brito – Eu acho que a maior aposta passa pelo tema desta vossa conferência: cooperação, internacionalização e inovação. A cooperação é fundamental para aceder aos apoios do próximo quadro comunitário, apoios que se destinam, em primeira linha, a quem aposta na internacionalização. E, para tudo isto, é vital a inovação.

– A agricultura, no seu todo, tem registado crescimento?

– Um crescimento assinalável e em contraciclo com praticamente toda a restante economia. Dou-lhe dois dados: primeiro, entre 2000 e 2012, o aumento da produtividade foi de 28,3 por cento; segundo, o setor agroflorestal representa 6,1 por cento do PIB nacional, ou seja, muito perto de dez mil milhões de euros por ano.

“Só nas frutas e legumes, estamos à beira de atingir, nas vendas ao exterior, os mil milhões de euros

“O setor agroflorestal representa 6,1 por cento do PIB nacional, ou seja, perto de dez mil milhões de euros por ano

“Dois em cada três empregos criados no primeiro trimestre deste ano foram no setor agroindustrial

PERFIL

● **Doutor em Ciências Veterinárias, NUNO VIEIRA E BRITO nasceu em 1961, licenciou-se em Medicina Veterinária em 1984 e entrou para a Administração Central do Estado em 1985 como técnico superior da Direção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho. Foi professor do Ensino Superior e é, desde janeiro deste ano, secretário de Estado da Alimentação e Investigação Agroalimentar.**

– Além da produtividade, a agricultura tem crescido também a nível da internacionalização?

– Tem crescido imenso. Só no ano passado, o crescimento foi de seis por cento. Para ter uma ideia, o setor da agroindústria representa vinte por cento do total nacional das exportações, ou seja, um quinto do que exportamos vem da terra.

– Trata-se de um crescimento sustentado?

– Sustentado e progressivo. Repare que, só nas frutas e legumes, estamos à beira de atingir, nas vendas ao exterior, os mil milhões de euros, uma marca até há bem pouco tempo impensável. É possível que atinjamos esse valor este ano.

– O que tem feito o Governo na ajuda à internacionalização?

– Além de canalizarmos muitas das ajudas públicas para essa área, fundamental, como já dissemos, temos feito um grande trabalho, que é lento e difícil, a nível da conquista de novos mercados. E com resultados muito positivos, uma vez que, só nos últimos dois anos, abrimos as exportações para mais 32 países fora da Europa.

– Quais são os maiores entraves na conquista desses mercados?

– As barreiras fitossanitárias são o maior problema. Temos de provar que produzimos com qualidade e segurança.

– Tem havido criação de emprego na agricultura?

– Tem. Segundo o INE, dois em cada três empregos criados no primeiro trimestre deste ano foram no setor agroindustrial. É um dado assinalável. ■

FOTOS JOSÉ MOREIRA

Nuno Vieira e Brito (à direita) diz que o setor da agricultura está aberto a novos investimentos

“Não deve haver exame para se ser agricultor”

CM – A agricultura está na moda. Mas há quem alerte para o excesso de euforia...

Nuno Vieira e Brito – Eu penso que o facto de a agricultura estar na moda é muito positivo e penso que devemos aproveitar este ânimo que se vive no setor. É claro que, como em todas as áreas, também na agricultura há pessoas mais vocacionadas do que outras. Eu entendo que não deve haver um exame para se ser agricultor e que a opção de investimento deve ser livre.

– Acha que não há, portanto, excesso de euforia?

– Não, não há. Acontece um ou outro caso de insucesso, mas a maioria resulta bem. Temos muita terra para ocupar, tem-se avançado para novas culturas e criado clusters muito interessantes, como os frutos vermelhos e as ervas aromáticas, pelo que a opção correta deve ser de apoio e incentivo ao investimento e à produtividade. ■

CONFERÊNCIA PAINEL INSTITUCIONAL

JOSÉ MOREIRA

Plantar um hectare de flores custa um milhão de euros

■ Floricultura está a **crescer** em Portugal, mas a associação diz que os **apoios** têm sido poucos

Portugal está a crescer nas flores: tem excelentes condições climáticas, de solo e geográficas, mas falta o apoio necessário para termos grandes produtores", afirma João Paulo Oliveira, o presidente da Associação de Floricultores de Portugal (AFP), um dos intervenientes no painel institucional da Conferência do Prémio de Agricultura 2013, realizada na Póvoa de Varzim.

Este painel contou ainda com a participação do presidente da Câmara da Póvoa de Varzim, José Macedo Vieira, que, ao fim de 20 anos como autarca, admite dedicar-se à agricultura, e Maria Celeste Hagatong, administradora do BPI, que deixou a promessa de estudar melhor o setor da floricultura, no sentido de poder facilitar o financiamento de novos projetos.

João Paulo Oliveira disse que "a banca não tem apoiado devidamente a floricultura, essencialmente, porque não tem conhecimento do setor" e explicou que os banqueiros "assustam-se quando lá chega um jovem de 26 ou 27 anos a dizer que quer plantar um hectare de flores".

E porque é que os bancos de assustam? É que, responde o presidente da AFP, "plantar um hectare de flores, que corresponde a um pequeno produtor, custa um milhão de euros".

Maria Celeste Hagatong diz que "um projeto de um milhão de euros não assusta ninguém", mas sublinha que "os projetos, para além da mais-valia que possam representar, têm de ser bem estruturados económica e financeiramente, e que isso, muitas vezes não acontece".

De resto, a administradora do BPI prometeu ouvir as associações do setor e estudar melhor o assunto, esperando que os floricultores façam o mesmo em relação à banca.

A Associação dos Floricultores de Portugal tem 177 associados em todo o País, e os seus dirigentes consideram que, apesar do grande crescimento dos últimos anos, existe um grande défice de formação na área. ■

"A Póvoa de Varzim é **muito mais** que sol e praia"

■ O presidente da Câmara da Póvoa de Varzim, José Macedo Vieira, que, após 20 anos como médico e outros 20 como autarca, espera passar os próximos 20 a trabalhar no campo, diz que este município da beira-mar tem muito a dizer na área da agricultura. "A Póvoa de Varzim é muito mais do que sol e praia. Para além das pescas, tem muita agricultura, sobretudo nas áreas da horticultura e do leite", afirma o autarca. A Póvoa de Varzim é a maior bacia de produção de leite do País e a horticultura ocupa mais de duas mil famílias e fatura cerca de 60 milhões de euros por ano. Muitas hortas e vacarias, a dois passinhos da praia. ■

PORMENORES

IVA DE SEIS POR CENTO
O setor da floricultura regozija-se com o facto de o Governo ter recuado na taxa de IVA e ter fixado o valor nos seis por cento.

MERCADO HOLANDÊS
A maior parte das flores que Portugal exporta vão para o mercado de Amesterdão, de onde seguem para os quatro cantos do Mundo.

350 NOVOS EMPREGOS
Só na região de Entre Douro e Minho, a floricultura criou, nos últimos dois anos, 350 postos de trabalho.

PRÉMIO **AGRICULTURA** 2013

“Os bons **projetos** terão apoio”

■ Para Maria Celeste Hagatong, administradora do BPI, a culpa da tão propalada falta de financiamento é da inexistência de projetos e de novos investimentos

● SECUNDINO CUNHA

Correio da Manhã – Ouvem-se diariamente queixas à falta de financiamento ao crédito por parte da banca. O que se passa?

Maria Celeste Hagatong – Eu discordo dessa ideia de que há falta de financiamento ou pouco apoio da banca ao crédito. O que acontece é que, em Portugal, há pouco investimento e poucos projetos. O crédito à actividade económica está, como se sabe, indexado a projetos e investimentos; como não há investimentos nem projetos, naturalmente não pode haver crédito. A banca tem seguido o que a economia tem pedido, só que a economia não cresce.

– No entanto, e de alguma forma em contraciclo, a agricultura tem crescido. A banca está atenta a essa nova realidade?

– A banca, falo naturalmente pelo BPI, está atenta e interessada. Trata-se de um setor em que apostamos fortemente desde há muitos anos....

> **“A banca tem seguido o que a economia tem pedido. Só que a economia não cresce**

> “Desde há muitos anos que a agricultura tem para nós uma grande importância estratégica

– A participação neste prémio poderia dar a ideia de que abraçaram agora a causa!

– Não, de todo. Há muitos anos que a agricultura tem, para nós, uma importância estratégica. É claro que o crescimento que se tem verificado tem feito aumentar essa importância. O BPI tem inclusive uma posição de liderança. Uma forma de controlar essas quotas de mercado é através das sociedades de garantia mútua, e o BPI tem uma posição destacada de liderança nas operações que aportam a essas sociedades, dirigidas para a agricultura.

– O que tem de ter um projeto para merecer apoio?

– Tem de ser bom, bem estruturado, sobretudo ao nível económico e financeiro. Posso garantir-lhe que, da parte do BPI, os bons projetos terão sempre apoio. Têm é de ser bons. ■

JOÃO MATIAS

PERFIL

● **Licenciada em Finanças pelo Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, MARIA CELESTE HAGATONG é administradora do BPI e do BPI Madeira.**

“Temos de intensificar a **cooperação**”

■ António Correia, responsável pela área de mercados e clientes da PwC Portugal, diz que a agricultura atravessa um bom momento, mas precisa de escala

● SECUNDINO CUNHA

Correio da Manhã – Em que medida a PwC intervém no setor da agricultura?

António Correia – A PwC tem um contacto privilegiado com um número enorme de setores, quer em Portugal, quer no mundo, pelo que em qualquer um deles haverá sempre um conhecimento sólido e partilhado com os mais de 180 mil colaboradores espalhados pelo mundo. O sector da agroindústria é um dos que mais crescem no mundo, e, tanto cá como no estrangeiro, temos colaborado com diversas empresas e realizado estudos para várias associações.

– Que importância atribui a estes prémios organizados pelo CM, JdN e BPI?

– Muita, razão por que nos temos associado a estas iniciativas. Todos os setores têm algo a partilhar de boas práticas que adotam na sua gestão e algo a melhorar. É bom que enalteçamos as boas práticas e lutemos contra as que precisam de incremento nas suas competências. A importância das coisas é dada, ou ampliada, pela divulgação.

> **“Temos de intensificar a cooperação entre empresários para ter mais ganhos de escala**

> “O Governo tem de introduzir políticas amigas do investimento, que permitam crescimento do setor

– A agricultura atravessa, de facto, um bom momento, ou há exagero na análise?

– A agricultura atravessa globalmente um bom momento. Em Portugal, a baixa utilização das zonas agrícolas, a maior atenção das forças governamentais ao tema e o desemprego fizeram com que muita gente se interessasse pela agricultura, o que foi bom. Mas há muitas coisas urgentes a fazer. Do lado privado temos de intensificar a cooperação entre empresários e o alinhamento na cadeia de valor que permita mais ganhos de escala; do lado público, melhorar a gestão do ordenamento do território nacional e políticas amigas do investimento que permitam que os atuais cresçam e outros empresários se juntem. ■

DIREITOS RESERVADOS

PERFIL

● **ANTÓNIO CORREIA é licenciado em Administração e Gestão de Empresas e revisor oficial de contas desde 1999. É sócio membro do Territory Leadership Team da PwC em Portugal, com responsabilidade na área de mercados e clientes.**

CONFERÊNCIA PAINEL EMPRESARIAL

JOSÉ MOREIRA

Agricultura tem de adotar práticas **empresariais**

O setor está a crescer, mas já não admite **amadorismos**. Empresas, associações e cooperativas alertam para a necessidade de mais **profissionalismo**

"Isto é uma atividade empresarial que tem de ser encarada com o maior profissionalismo. Temos conhecimento de alguns paraquedistas que caíram no nosso quintal e se deram mal com a aventura." As palavra são de Manuel António Silva, vice-presidente da Horpozim, um dos participantes no painel de empresas da Conferência da Póvoa de Varzim do Prémio Agricultura 2013.

O debate, que, para além de Manuel António Silva, contou com a presença de Celeste Patrocínio, presidente da Adega Cooperativa de Ponte de Lima, Pilar Morais, diretora da Frulact, e António Soares Guedes, presidente da Aveleda, teve como tema central a cooperação, internacionalização e inovação. Pilar Morais, da Frulact, assegurou que a fruta portuguesa tem excelente qualidade, realçando os casos da cereja, maçã, morango ou mirtilo, mas não deixou de referir o problema da quantidade.

"A qualidade é excelente, mas é difícil encontrar produtores que assegurem as quantidades de que a indústria necessita", disse a diretora desta empresa de preparados de fruta para laticínios e pastelaria.

A produção em Portugal é de qualidade, mas falta-lhe dimensão

Celeste Patrocínio, da Adega Cooperativa de Ponte de Lima, alertou para a necessidade de ser definido, com rigor, o conceito de desenvolvimento rural, realçando que "esse conceito tem de assentar no cultivo da terra".

"Só se tivermos gente a trabalhar na terra é que poderemos ter desenvolvimento rural", disse.

Já António Guedes, da Quinta da Aveleda, lembra que a agricultura tem de adotar práticas profissionais e que, para sobreviverem, os produtores têm de ganhar dimensão. A título de exemplo, afirmou que "meio hectare de vinha, por exemplo, não tem sustentabilidade financeira e económica". Manuel António Silva disse ainda que "o segredo está na união". ■

EMPRESÁRIOS AINDA INVESTEM

O crescimento que, nos últimos anos, se registou no setor da horticultura adveio sobretudo de novos investimentos levados a cabo por produtores já instalados. No entanto, também há jovens agricultores a apostar nas hortícolas.

PEQUENAS VINHAS CONDENADAS

Para ser rentável, a vinha precisa de assinalável dimensão. António Guedes, da Aveleda, diz que só há lucro com uma área na casa dos vinte hectares e que os produtores com meio hectare estão condenados.

CANDIDATURAS

As candidaturas ao Prémio Agricultura 2013 estão abertas até ao dia 10 de novembro. Trata-se da 2.ª edição desta iniciativa do Correio da Manhã e Jornal de Negócios, e que, este ano, conta com o patrocínio do Banco Português de Investimento. Quem quiser candidatar-se deve fazê-lo em www.premioabricultura.pt. Nesta página eletrónica encontra todas as informações necessárias à candidatura, incluindo o regulamento, os critérios e os procedimentos. As categorias deste Prémio Agricultura 2013 são cinco: grandes empresas agrícolas, pequenas e médias empresas agrícolas, jovem agricultor, associações e cooperativas e startup. Quanto ao processo de candidatura, é muito simples, bastando para tal descarregar o formulário, preenchê-lo e enviá-lo para: cofinaeventos@cofina.pt. Quanto às conferências-debate, a próxima realiza-se já amanhã, na vila transmontana de Macedo de Cavaleiros.

A APOSTA NA **QUALIDADE** CO

FOTOS DIREITOS RESERVADOS

A maior **empresa** dos vinhos verdes

Aveleda É uma empresa familiar, nascida há quase três séculos. Exporta mais de metade da produção para 60 países

Três séculos sempre na mesma família não impediram o crescimento. Antes pelo contrário. Hoje a Quinta da Aveleda é a maior empresa exportadora de vinhos verdes e uma das maiores empresas de vinhos de Portugal.

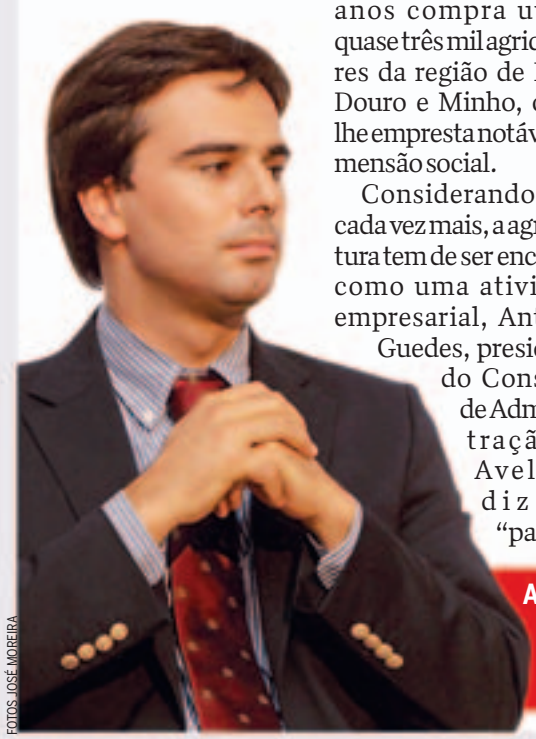
Para além da produção própria, todos os anos compra uvas a quase três mil agricultores da região de Entre Douro e Minho, o que lhe empresta notável dimensão social.

Considerando que, cada vez mais, a agricultura tem de ser encarada como uma atividade empresarial, António Guedes, presidente do Conselho de Administração da Aveleda, diz que "para terem rentabilidade, os produtores têm de ser profissionais e ter alguma dimensão".

"Não vale a pena investir em pequenas plantações. Para viver da vinha, um agricultor tem de ter uma área próxima dos vinte hectares", afirma.

Para este engenheiro agrónomo, especializado em enologia, "a vinha continua a ser uma aposta rentável, desde que o projeto seja bem estruturado".

Para este ano, uma boa notícia: a produção cresceu 20 por cento em relação ao ano passado, e ajusta-se às necessidades do mercado. ■



FOTOS JOSÉ MOREIRA

António Azevedo Soares Guedes, engenheiro agrónomo, é o presidente do Conselho de Administração da Aveleda

Cooperativa com 2179 **associados**

Adega Cooperativa de Ponte de Lima Fundada em 1959, tem uma capacidade instalada de 23 mil pipas de vinho

Viveu um período dramático, com uma situação de quase falência técnica, mas o ano de 2008 marcou a viragem e, hoje, a Adega Cooperativa de Ponte de Lima é uma empresa com contas em dia e a abalançar-se para os mercados internacionais.

"Nós já estamos em muitos países, de forma direta e, indiretamente, através dos nossos fornecedores, mas o objetivo, a curto prazo, é aumentar as exportações diretas", diz a presidente da Adega, Celeste Patrocínio.

Com uma capacidade instalada de 23 mil pipas, produz, em média, cerca de metade.

As uvas são oriundas dos 2179 associados da Adega, na sua maioria do concelho de Ponte de Lima, mas também de concelhos limítrofes, como Ponte da Barca, Viana do Castelo, Paredes de Coura e Arcos de Valdevez.

Celeste Patrocínio diz que "a vinha é o que resta da agricultura da região do Vale do Lima" e só lamenta que "as entidades oficiais optem, constantemente, por chumbar os projetos que apresentamos".

"A Adega já apresentou seis candidaturas e só uma foi aprovada", lamenta a gestora, que promete "não desistir". ■

Licenciada em Direito, Celeste Patrocínio é, desde 2008, presidente da Adega de Ponte de Lima

OMPENSA

EXEMPLOS EMPRESAS, ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS QUE APOSTAM NA QUALIDADE E ENCARAM A AGRICULTURA COMO UMA ATIVIDADE QUE TEM DE SER ECONOMICAMENTE RENTÁVEL

Fruta dá sabor a iogurtes e bolos

Frulact Tem duas fábricas em Portugal e cinco no estrangeiro. A faturação anual já ultrapassa os cem milhões de euros

A Frulact não faz agricultura, mas faz muito pela agricultura. Todos os meses, esta empresa, com sede na Maia, compra 2500 toneladas de fruta, para produzir preparados para os produtos lácteos de pastelaria. E destas, 375 toneladas são de fruta produzida em Portugal.

Feitas as contas, a Frulact compra aos agricultores portugueses 4500 toneladas de fruta por ano, 15 por cento das 30 mil que transforma nas sete fábricas que possui em diversos países.

"Nós damos sempre preferência ao produtor local. Acontece isso com as fábricas portuguesas e, naturalmente, com as que temos em Marrocos, França ou África do Sul", diz Pilar Morais, dando como exemplo a muita cereja da Cova da Beira que é transformada na unidade da Frulact da Covilhã.

De resto, Pilar Morais destaca a qualidade e o sabor da fruta portuguesa, mas sublinha que, "sendo Portugal um país pequeno, tem volumes de produção limitados e, tradicionalmente, as organizações de produtores preferem o mercado de fresco, em detrimento da indústria". ■

Pilar Morais é licenciada em Engenharia Alimentar e mestre em Ciência Alimentar. É diretora de Inovação e Tecnologia da Frulact

União de 700 horticultores

Horpozim Criada por 36 horticultores, tornou-se, em apenas 25 anos, vinte vezes maior. Um hino ao associativismo

A Horpozim é o exemplo acabado da mais-valia do associativismo no setor da Agricultura. Nasceu em 1986, com o objetivo de afirmar, nacional e internacionalmente, os produtos hortícolas dos concelhos de Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Esposende, e promover o crescimento dos seus associados. Começou com 36 sócios e hoje conta com quase 700.

"Temos crescido muito e temos, com esforço e dedicação, cumprido os nossos objetivos. Muita da nossa ajuda passa pela elaboração de projetos, quer para quem se queira instalar, quer para ampliação e modernização das explorações existentes", diz o vice-presidente, Manuel António Silva.

Sublinhando que "a crise afeta toda a gente", este dirigente associativo considera que o setor da horticultura soube preparar-se para as dificuldades e que, por isso, "tem conseguido resistir".

"Mas ninguém pense que é fácil", alerta, lembrando que "a agricultura exige persistência e muito profissionalismo". De resto, assegura: "O setor, nesta região, está a crescer e vai continuar a crescer". ■

Manuel António Silva é horticultor no concelho da Póvoa de Varzim e vice-presidente da Horpozim

PUB

O Banco para a agricultura.

- Financiamento para investimento e campanhas agrícolas
- Apoio à exportação

O BPI é o parceiro das empresas agrícolas. Com soluções para financiar investimentos produtivos, acompanhar necessidades de tesouraria das campanhas agrícolas e apoiar a exportação, o BPI apresenta uma oferta completa e competitiva dirigida às necessidades específicas deste sector.

Toda a informação nos Centros de Empresas ou Balcões BPI
e em www.bancobpi.pt/empresas

Patrocinador
da Feira Nacional
de Agricultura.